

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Concepções de masculinidades na contemporaneidade:

Uma reflexão sobre os Policiais Militares

Novembro

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Concepções de masculinidades na contemporaneidade:
Uma reflexão sobre os Policiais Militares

Trabalho elaborado para a disciplina de TCC
II, sob orientação da Professora Dr^o Flávia
Arantes Hime.

Aluna: Mirian Aurélia Linares

Novembro

2017

Resumo

A Polícia Militar é uma das instituições responsáveis pela segurança pública nos Estados Brasileiros, seu trabalho consiste no policiamento ostensivo fardado, no cumprimento das leis e na manutenção da ordem pública. Os Policiais Militares que compõem o quadro da instituição são capacitados de acordo com os valores e cultura Organizacional da P.M., estes valores, pressupostos e ações da Polícia constituí sua imagem social e também se relaciona com a construção da identidade profissional dos Policiais militares. Essa pesquisa teve como objetivo estudar como a imagem social e a identidade dos policiais militares afetam suas vidas e se há relação com o adoecimento dentro da instituição. Explorando a relação entre adoecimento e trabalho; foi feita uma análise do Capitão Nascimento, personagem do filme tropa de Elite a partir dos conceitos estudados.

Palavras-Chave: Polícia Militar; Adoecimento; Tratamento; imagem social; identidade; saúde do trabalhador.

Agradecimentos

O processo de conclusão deste trabalho foi intenso, angustiante e desafiador. Agradeço a minha família pela paciência ao longo desse ano, pelo apoio, carinho e compreensão durante os meus anos de graduação. Agradeço ao meu pai, pela inspiração e pela dedicação ao seu trabalho durante tantos anos.

Agradeço a minha orientadora, Flávia Hime, pela escuta e por ter aceitado o desafio de me ter como aluna; gratidão por se interessar pelo meu tema e pela minha história.

Ao meu EB ATRATUS, Gabriela, Amanda, Thaís e Treicy, minha eterna gratidão por estarem comigo este ano e por me incentivarem a terminar este trabalho. Ao Maurício, por me ajudar em todos os momentos que mais precisava, tornando esta entrega possível. A Giovanna, por se preocupar e pela ajuda sempre que necessário. Aos meus amigos da faculdade, Priscila, Dimitri, Aline, Vanessa e Victor, por todos os cafés e conversas compartilhadas que sempre me trouxe insights para minha jornada. A todos, minha eterna gratidão.

Introdução

A França foi a precursora dos estudos que relacionam saúde mental e o trabalho. Após a II Guerra Mundial surgiu no país um movimento liderado por psiquiatras franceses que colocava em pauta as mudanças que ocorreram em torno do trabalho: a guerra exigiu uma “adaptação e readaptação ao sistema produtivo” e levantou questões sobre “o papel do trabalho na gênese da doença mental, mas também na integração dos indivíduos (principalmente dos pacientes psiquiátricos) à vida social” (Lima, 1998). Na sociedade moderna, o trabalho tem um papel fundante no desenvolvimento do ser humano; sendo um elemento constitutivo da natureza humana, ele age como uma categoria fundante do ser social: por isso a saúde do trabalhador tem sido um campo de estudo de grande relevância, pois trabalha com um conjunto de atividades que têm como objetivo final a promoção e proteção da saúde dos trabalhadores. Esse campo entende o trabalho como um elemento significativo no processo de adoecimento e investiga os elementos que estão implicados nessa relação, o que demonstra como o trabalho possui uma centralidade no desenvolvimento da humanidade e têm um papel social único.

Quando pensamos o impacto do trabalho do Policial Militar na sua constituição e subjetividade, se faz necessário analisar a complexidade dos elementos do trabalho que estão diretamente ou indiretamente associados com o adoecer e a singularidade do trabalho dentro da instituição policial (Amador et al, 2002), como também entender um pouco mais sobre a imagem que a Polícia tem

e como o policial é afetado por ela e de que forma? Se isso está ou não relacionado com o adoecimento? Um dos eixos desta pesquisa é entender mais sobre as policiais, em específico a Polícia Militar de SP, mas trazendo à tona dados sobre as demais polícias.

A Polícia Militar do Estado de São Paulo, tal como a conhecemos hoje, nasceu em 1831, com a finalidade de preservar a ordem social e garantir a segurança individual e coletiva. O trabalho do policial militar se configura de modo singular, segundo Fraga (2006):

“O policial militar (PM) (...) é o profissional responsável pela execução da política de segurança pública, funcionário público estatal (logo, tem o Estado como empregador) e é o único profissional que é julgado por duas justiças distintas (a civil e a militar), podendo ser submetido a punições por atos que não redundam em nenhum tipo de pena para o cidadão civil”.

Os policiais respondem a uma lei da própria instituição da Polícia Militar, que estabelece uma hierarquia rígida e uma disciplina constante, que quando não cumpridas geram para os policiais punições. Além dessa especificidade, essa profissão se configura como de alto risco de vida, pois há um enfrentamento de situações de violência diariamente (Amador 1999b). A transformação no trabalho do policial militar se dá desde sua formação, onde ele passa de cidadão civil para policial militar, tanto a sociedade quanto a PM apresentam um determinado papel

e compreensão do que é ser policial, o que influencia no modo de ser e atuar na profissão. A formação do policial e as condições de trabalho estão diretamente relacionadas com o adoecimento dos policiais, segundo Souza et al (2012, p.1):

“No caso específico dos policiais militares, o nível de estresse tem sido apontado como superior ao de outras categorias profissionais, não só pela natureza das atividades que realizam, mas também pela sobrecarga de trabalho e pelas relações internas à corporação cuja organização se fundamenta em hierarquia rígida e disciplina militar. Tais características estruturantes tornam a instituição resistente a mudanças e repercutem na saúde física e mental dos servidores. Destacam-se, ainda, como fontes geradoras de estresse, as relações, por vezes, tensas e conflituosas dos policiais com o Sistema de Justiça e com o público a quem atendem”.

Considerando a singularidade da profissão do policial militar e a imagem social que a instituição da Polícia tem no Brasil, este trabalho se propõe a fazer uma análise de como a imagem social da Polícia afeta o Policial e se ela tem relação com o adoecimento deles. Para isso, discorreremos no primeiro capítulo sobre a história da Polícia Militar onde analisaremos a sua origem e como foi construída a sua imagem; no capítulo dois falaremos sobre a saúde do trabalhador trazendo dados epidemiológicos sobre os adoecimentos e

afastamentos dentro da P.M., no capítulo três trazemos à tona a discussão sobre a imagem da P.M. relacionada principalmente a questão de gênero e ao conceito de invisibilidade social, para enfim no capítulo quatro analisarmos o personagem do Capitão Nascimento à luz dos conceitos apresentados. Finalmente, concluímos com uma reflexão sobre o trabalho e apresentando as considerações finais do mesmo. Todo início de capítulo apresentará um trecho de um poema de Eduardo Galeano, escritor Uruguaio que foi preso durante o golpe militar do Uruguai, seus escritos trazem reflexões acerca da vida, da sociedade e entrelinhas das polícias do mundo; o uso dos poemas é uma forma de expressar afeto as duas temáticas: os policiais e Galeano.

Este estudo mostra sua relevância para a Psicologia e para a sociedade ao apresentar aspectos organizacionais do trabalho do Policial Militar, se propondo a realizar uma reflexão sobre o assunto e como a imagem social pode afetar a saúde do trabalhador; o que pode vir a dar base e subsídio para que outros trabalhos sejam realizados.

Metodologia

A metodologia deste trabalho foi realizada através de um levantamento bibliográfico sobre a temática da Polícia Militar; trazendo os conceitos de imagem social relacionada a questão de gênero e a invisibilidade social para a discussão. Estes conceitos guiaram a discussão dos capítulos e a reflexão sobre o adoecer dos policiais militares, como também a análise do Personagem do Capitão Nascimento do Filme Tropa de Elite 1.

Capítulo 1.

História da Polícia Militar

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me diz que somos feitos de histórias”- Galeano, Eduardo.

Assim como cada pessoa é detentora de suas histórias, que fazem parte da constituição do seu modo de ser no mundo, as organizações possuem histórias e vão se modificando de acordo com os anos, sua missão, visão, valores e o contexto social de sua época.

A Polícia Militar tem sua história escrita vinculada à chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, suas atividades ainda eram incertas e tinham mais relação ao patrulhamento do espaço urbano, controle de estradas e escravos foragidos (Bretas e Rosemberg- 2013). Em seu site a Polícia Militar do Estado de São Paulo inicia sua história em 1831. Seu surgimento relaciona-se com a reunião do conselho da província de São Paulo presidida pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, onde foi composto um “efetivo de 100 homens a pé e 30 a cavalo”; a partir dessa época a ideologia do Policiamento - que já participava do imaginário coletivo - começa a ganhar forma na polícia, além de um desenho institucional que nasce para se estabelecer uma ordem: primeiro imperial e depois burguesa (Rodrigues, 1981).

O sinônimo de Policiamento é “Ato ou efeito de policiar, de fazer patrulhamento policial; guarda, vigilância”; a etimologia da palavra Polícia se relaciona a “Polis” configurando a ideia de “guarda da cidade”. Como missão da Instituição da Polícia

Militar do Estado de São Paulo estão os dizeres: Proteger as pessoas; Fazer cumprir as leis; Combater o crime e Preservar a ordem pública; o que corresponde à ideia de que a Polícia existe para auxiliar a população e protegê-la. Por isso, a ação policial no cenário brasileiro tem um poder legalizado perante a população civil; ser policial e usar uma farda coloca o sujeito num papel diferenciado perante os demais cidadãos, outorgando-lhe a possibilidade de ação e repressão sobre o outro, ao mesmo tempo que é uma responsabilidade onde a identidade do sujeito se vê entrelaçada com a persona de sua função; discutiremos em outro capítulo questões sobre a imagem do Policial Militar.

Há diversas contradições na história recente sobre o poder instituído à Polícia Militar e como ele foi e vem sendo utilizado e, principalmente, a quem ele serve: à população ou ao estado? Em muitos momentos históricos, como na ditadura militar, a P.M. se torna o braço forte do Estado e o meio mais eficaz de repressão à população; fugindo de sua missão, ela se torna a principal forma de controle de minorias e se utiliza da violência para isso.

A história da Polícia no Brasil está vinculada à da Guarda Real, Civil e aos bombeiros que tiveram suas ações junto ao Corpo Policial Permanente; na literatura não se têm muitos relatos sobre quem eram esses policiais ou quais eram suas ações específicas, porém a partir do século XX a Polícia começa a se profissionalizar e para isso se torna detentora de um saber específico, a segurança pública. Segundo Bretas e Rosemberg (2013);

[...] “O período em que a Coroa portuguesa esteve no Brasil se situa num lugar bastante específico, entre o século XVIII

e o Brasil independente. É o momento em que a datação tradicional consagra a criação tanto da Intendência Geral de Polícia (1808) como da Guarda Real de Polícia (1809), ponto de fundação da Polícia brasileira”.

Estes autores convocam a reflexão para os significados que o termo Polícia apresenta neste período e como essa ideia comporta uma visão muito mais ampla sobre as funções atribuídas à polícia, que iam além de garantir a ordem da cidade, principalmente no período imperial, pois a história da Polícia está vinculada à história do Estado: em alguns contextos os guardas eram as pessoas que levavam a presença do Estado para as regiões onde o poder público não chegava:

“A Polícia, teoricamente obediente às leis e a um regulamento, se torna um elemento privilegiado e legitimado para lidar com essas demandas.” (Bretas, p.167).

Ao falarmos da história da Polícia Militar, observa-se que em conjunto a esta apresenta-se a história da gênese das demais polícias; a intendência geral da corte que foi criada em 1808 e que deu origem a Polícia Civil sendo que dentro de suas competências encontrava-se o papel de juiz, pois cabia a ele punir e julgar delitos pequenos. O foco das Polícias se modificou de acordo com o período e contexto sócio-político-econômico de cada tempo histórico, porém sempre atrelado ao Estado: exemplo disso foi a reformulação do código penal em 1890 que conduzia o aparato

policial ao controle social, visto que considerava crime determinados comportamentos como “vadiagem, prostituição, embriaguez e capoeira” (Sousa, 2011).

Em 1930, na Era Vargas, o papel de controle social da Polícia torna-se mais evidente, foram feitas diversas reformas do quadro policial como também na estrutura da Polícia através de decretos, onde foram ampliados o poder do Chefe da Polícia e aumentado a estrutura Policial; essas modificações realizadas por Getúlio Vargas utilizaram a Polícia como órgão repressor do Estado frente à População o que corroborou para a imagem social da P.M. Vinculada a agressividade, abuso de poder e repressão que é perpetuada até os dias atuais: “A polícia iria assumir papel fundamental na construção e manutenção desse regime autoritário. Suas tarefas foram ampliadas, sendo de sua competência o controle dos grupos políticos dissidentes” (Sousa, 2011). O papel repressor da Polícia tornou-se ainda mais forte durante o Regime Militar, pois no período entre 1964 e 1985 o poder das forças armadas foi ampliado e a força das Polícias utilizadas como forma de repressão política. Como aponta Sousa (2011):

“Em 1967 foi criada a Inspeção-Geral das Polícias Militares do Ministério do Exército (IGPM) - Decreto-lei nº 317, de 13 de março de 1967, e Decreto-lei nº 667, de 2 de junho de 1969 - destinada a supervisionar e controlar as Polícias Militares estaduais. Cabia à IGPM estabelecer normas reguladoras da organização policial, controlar os currículos das academias de polícia militar, dispor sobre os programas de treinamento, armamentos, manuais, e regulamentos utilizados pelas Polícias,

além de manifestar-se sobre as promoções dos Policiais Militares, esse controle irá influenciar profundamente o perfil das Polícias brasileiras”

O cenário da Ditadura Militar reestruturou a imagem social da Polícia Militar e o perfil dos Policiais Militares, trazendo um debate a partir de 1985 sobre o papel da Polícia atrelando a discussão dos direitos humanos à segurança pública e discutindo as ações da Polícia frente à população; visto que a partir do Estado democrático de direito tornou-se possível questionamentos sobre a ditadura e as ações realizadas neste período, como também uma reflexão mais aprofundada sobre as condições de trabalho dos policiais militares entendidos como trabalhadores dentro de um órgão do Estado.

A história da Polícia Brasileira, assim como a história das pessoas é um ciclo que é construído constantemente, visto essa relação; pode-se pensar como a história da instituição se relaciona a história de seus trabalhadores e como os afeta.

Capítulo 2. Saúde do Trabalhador

[...] “Se incorporará aos Códigos Penais o delito de estupidez que cometem os que vivem por ter ou ganhar ao invés de viver por viver somente. [...] Em nenhum país serão presos os rapazes que se neguem a cumprir serviço militar, mas sim os que queiram cumprir.

[...] O mundo já não estará em guerra contra os pobres, mas sim contra a pobreza. E a indústria militar não terá outro remédio senão declarar-se quebrada”- O direito ao delírio - Eduardo Galeano

A revolução industrial foi um dos marcos que transformou a relação do homem com o trabalho, tornando este um objeto importante na vida das pessoas. O trabalho é considerado um dos fatores relevantes na constituição da subjetividade (Lopes 2009) e na construção da identidade e valores dos seres humanos, como aponta Moraes (2009)

“Aspectos como responsabilidade, status, reconhecimento, dignidade, independência e realização pessoal compõem a identidade vinculada ao trabalho, mas os valores a ele associados, devem sempre levar em consideração, variáveis como cultura, faixa etária, classe e gênero”.

Os aspectos e valores associados ao trabalho podem se modificar ou sobressair de acordo com a profissão desempenhada, pois a cultura organizacional das instituições reforça determinados comportamentos e valores de acordo com sua especificidade. A profissão de Policial Militar também apresenta sua singularidade, tanto no concurso de admissão, quanto nos treinamentos, cotidiano de trabalho e na lei que rege a Corporação. Os policiais respondem a uma lei da própria instituição da

Polícia Militar que estabelece uma hierarquia rígida e uma disciplina constante que quando não cumpridas geram punições para os mesmos.

Além dessa singularidade, a profissão se configura como de alto risco de vida, pois há um enfrentamento de situações de violência diariamente o que resulta em um nível elevado de estresse e adoecimento dos policiais. Como ressalta Lourinho e Paulino (ano, p. 2016):

“As relações de trabalho são afetadas pela hierarquia militar, aponta também que não só as condições de realização das tarefas, mas as competências reais do trabalhador são determinantes no processo saúde | doença; assim como o investimento ineficaz e falta de investimento são fatores secundários e podem acelerar o processo de adoecimento”.

Na nossa cultura, ser saudável permite ao ser humano ser produtivo e acesso a uma rede social, enquanto o processo de adoecer traz para o imaginário coletivo os preconceitos e estigmas relacionados à doença que podem marginalizar o sujeito (Aleotti, 2004). A doença mostra a vulnerabilidade e os limites do ser humano, tirando-o do que se é considerado pela cultura como “normal” que é o ser saudável; o estigma social e preconceitos atrelados a doença podem tornar a procura por tratamentos de saúde e ajuda profissional mais difícil pelo sujeito, principalmente na profissão do Policial Militar que apresenta uma imagem social relacionada com um determinado tipo de masculinidade que será discutida no próximo capítulo.

São muitos os estudos que investigam as causas do adoecimento entre Policiais Militares, Souza et al (2011) em sua pesquisa com policiais militares do Rio de Janeiro investiga suas condições de saúde e trabalho. A pesquisa aponta que alguns fatores levantados e que demonstram relacionar-se ao sofrimento psíquico dos policiais, são eles: a sobrecarga de trabalho, o estresse constante e as condições de trabalho da organização.

Assim como a constituição da subjetividade e construção da identidade do ser humano está relacionada ao trabalho, alguns adoecimentos também apresentam relação ao trabalho desempenhado pelo sujeito. Por isso, áreas de estudo como a saúde do trabalhador são de grande relevância por investigar um conjunto de atividades que têm como objetivo final a promoção e proteção da saúde dos trabalhadores. Esse campo entende o trabalho como um elemento significativo no processo de adoecimento e investiga os elementos que estão implicados nessa relação, sendo eles desde processos, organização e condições de trabalho.

O Estado de São Paulo tem 89.478 policiais Militares, sendo 79.600 homens e 9.878 mulheres; este dado aponta a polícia como uma profissão majoritariamente masculina o que corrobora para uma determinada composição da imagem social da instituição. Ao pensar o adoecimento nesta profissão pode-se perceber que existe um número alto de afastamentos, segundo dados disponibilizados no jornal Folha de São Paulo conseguidos através da Lei de Acesso à Informação entre 2005 e 2014, foram afastados 14.756 policiais. A morte de policiais também tem um alto índice, como aponta o Atlas da Violência, há uma alta taxa de homicídio somente no ano de 2015 de 365 policiais no Estado de São Paulo.

Muitas pesquisas internacionais mostram que esta profissão tem altos índices de depressão, alcoolismo e suicídio (GATES, 2006; SILVA; VIEIRA, 2008); mesmo com estes dados ainda são poucas pesquisas nacionais que se propõem a estudar sobre a temática da Polícia Militar e o adoecimento dos Policiais Militares. Essas pesquisas seriam de extrema importância visto a falta de dados e a dificuldade de acesso à informação específica sobre os adoecimentos dos policiais, como também as condições de trabalho dos mesmos.

A sociedade e a PM apresentam um determinado papel e compreensão do que é ser policial, isto influencia no modo dos policiais serem e atuarem na profissão. Tornar-se policial está atrelado a imagem social e aos treinamentos da Corporação; assim como as relações do cotidiano de trabalho. O adoecimento do policial pode trazer à tona conflitos com sua imagem e identidade profissional, discutiremos no próximo capítulo sobre a imagem social da Polícia para entender como ela pode relacionar-se ao adoecimento e a invisibilidade.

Capítulo 3.

Uma mudança de Olhar: Masculinidade e Invisibilidade dos Policiais Militares

“Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são, embora sejam [...]

[...] Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não têm cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

*Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da
imprensa local.*

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata”

Eduardo Galeano – O livro dos abraços

Como discutido no capítulo: História da Polícia Militar, uma das principais imagens da Polícia Brasileira que está presente no imaginário popular é a de uma polícia repressora, agressiva, corrupta e que garante o desejo do Estado frente à população, sendo assim seu braço forte, e muitas vezes abusando de seu poder e autoridade. A imagem social da Polícia é construída de acordo com a sua atuação em acontecimentos cotidianos e seu posicionamento frente a eles, como aponta Zouain et all (2008):

“As diferenças culturais existentes entre os estados brasileiros, o processo de formação dos policiais militares em cada estado, a atuação repressora ou consciente desses policiais em determinadas situações ou a própria dinâmica do espaço geográfico e das relações sociais podem acabar por influenciar a percepção dos cidadãos com relação à imagem da polícia em alguma área” (p.18).

Ao pensar a imagem social da Instituição da Polícia Militar a vemos atrelada a um tipo de masculinidade: Maciel Jr (2006) aponta para a relação de organizações e instituições que adotam padrões de gênero dentro de sua cultura organizacional, valorizando um determinado tipo de comportamento em detrimento de outros. Em seu trabalho o conceito de gênero é compreendido como:

[...] “Um modo de olhar para a realidade da vida de mulheres e homens visando compreender as relações sociais entre eles, especialmente as relações de poder entre os homens, entre as mulheres e entre mulheres e homens” (p 14).

Podemos compreender que relações de gênero são permeadas por relações de poder, e a masculinidade ou feminilidade são padrões de comportamentos e conduta pessoal que mudam de acordo com a cultura, região e classe social. Por isso, Connel (1995) apresenta a ideia de diferentes construções da masculinidade, existindo um padrão que é predominantemente valorizado, embora dificilmente encontrado na realidade: o da Masculinidade hegemônica, essa é um dos diversos modos de se expressar a masculinidade [...] sendo associada à força, resistência, dureza e competência física (p. 49), como também à agressividade, à brutalidade, a comportamentos racionais que são colocados como opostos a comportamentos mais emotivos que estariam associados a feminilidade, não sendo bem vistos se atrelados aos homens. A masculinidade hegemônica garante o papel de dominação a uma

determinada parte dos homens enquanto atribui às mulheres o papel de subordinação, mas não somente as mulheres como também a grupos minoritários étnicos, religiosos ou de determinada escolha sexual; sendo este reconhecido como um outro tipo de masculinidade. A imagem social que a Polícia Militar tem é intrinsecamente relacionada à masculinidade hegemônica, convocando seus policiais a serem o modelo de homem ideal.

[...] O homem ideal é forte fisicamente, bem-sucedido na sociedade, estável e capaz de defender a si próprio e à sua comunidade; além de um excelente amante heterossexual. Os homens têm de provar sua masculinidade de diferentes modos e falhar nestas tentativas pode causar-lhes problemas” (Maciel Jr. 2006 p. 58).

É exigido dos cidadãos que querem tornar-se Policiais Militares um determinado padrão físico e de conduta em sociedade que valoriza a masculinidade hegemônica, por exemplo: o concurso da Polícia Militar é composto pelas seguintes fases: Inscrição, exame de conhecimentos, exames de aptidão física, exames de saúde, exames psicológicos, avaliação de conduta social, da reputação e de idoneidade, análise de documentos e análise de títulos (Fonte site da P.M.colocar a referência); a fase de aptidão física, conduta social, reputação e idoneidade são as que mais reforçam um determinado modelo de masculinidade que é esperado pela corporação. Mesmo que o policial se enquadre nestes padrões, a articulação entre desigualdades pode levá-lo a uma posição de inferioridade, como o fato de ser negro ou homossexual, por exemplo,

já que as desigualdades de gênero são interceptadas por outras desigualdades como a de raça, de idade, de orientação sexual, religiosas, étnicas, etc.

Segundo Aleotti (2004), durante a vida os homens vivenciam a noção de masculinidade de diferentes formas e isto influencia sua auto-imagem e percepção de si mesmo. Principalmente por ainda perdurar na sociedade o ideal da verdadeira masculinidade, que está atrelada a ideia de saúde e bem-estar físico; neste cenário o corpo masculino tem um papel importante sendo colocado como o motor das ações, muitos comportamentos masculinos como agressividade e desejos incontrolláveis são visto à luz da biologia como naturais e discutidos de forma reducionista por alguns autores: essa percepção contribui para a construção no imaginário popular da superioridade masculina.

Ao refletir sobre masculinidade é central abrir a discussão sobre o corpo masculino, pois este é fundamental, é o corpo que carrega as expectativas e construções sociais, sendo ele que adocece, envelhece, sofre as tensões e estresses da rotina de trabalho. O corpo masculino expressa a força física, resistência, vitalidade e rigidez. sendo atribuído a ele a ocupação do espaço e a habilidade de exercer controle (Aleotti, 2004). A masculinidade hegemônica traz estereótipos que determinam um padrão de ser homem, o que influencia o modo dos homens se relacionarem com sua masculinidade. Como já discutido, o trabalho também é um modo de definição tanto da identidade quanto de afirmação da masculinidade, principalmente entre os policiais militares visto a exigências de sua profissão.

A televisão e os Jornais, assim como outros meios de comunicação, apresentam notícias sobre a Polícia Militar e o trabalho de seus policiais, sendo geralmente:

apreensão de drogas ilegais, apreensão de carros, morte de policiais ou criminosos por troca de tiros, agressão de policiais a população, dentre outras notícias e reportagens que reforçam um modo de ver o Policial Militar atrelado à masculinidade hegemônica e à instituição militar. A sociedade se torna o espaço de construção, reconstrução e negociação das masculinidades: porém na polícia militar a imagem social que se têm do Policial, muitas vezes, torna invisível o ser humano por baixo da farda.

Segundo Soares (2005, p.175): *“Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância”*; para uma boa parte da população a Polícia é corrupta, violenta, agressiva: esse estigma se reproduz sobre todos os representantes da instituição e impede um outro tipo de olhar frente ao policial, pois engloba todos os policiais nesta categoria o que se torna uma falsa premissa. Além disso, os policiais não são vistos para além de policiais. Arruda (2017, p.150) discute como :

[...] “a invisibilidade furta a preocupação com a dignidade e com as condições dignas para executar as suas tarefas. No cotidiano, comumente não olhamos nos olhos e não cumprimentamos muitos profissionais: cobradores de transporte, atendentes [...] Para além das questões de trabalho, a construção social da invisibilidade produz leituras equivocadas (positivas ou negativas) acerca de tudo e de todos [...]”.

O policial é visto como representante da Polícia Militar e muitas vezes tudo que ele é para além da sua imagem profissional é invisível; sua história dentro e fora da

P.M., sua relação com o trabalho, quem ele é e onde vive se torna invisível diante da imagem social e do estigma que se têm. É se esperado que o policial atenda a imagem social da instituição, porém o que acontece quando ele falha? Quando ele não atende ao que se espera dele? Qual o reflexo disso na sua família? E quando ele adocece? Os pontos apresentados sobre os diferentes tipos de masculinidade e como determinado tipo está atrelado a imagem social da corporação da Polícia Militar sendo esperado dos seus policiais determinado comportamento, torna-se relevante neste estudo para se refletir sobre como essa imagem é afetada quando este policial adocece. Há muitas dificuldades em se manter a vivência plena da masculinidade e adoecer é um dos fatores que rompem com o ideal masculino. A discussão do próximo capítulo se propõe a pensar a relação imagem social-masculinidade- adoecimento dentro da Polícia colocando o personagem do Capitão Nascimento do Filme Tropa de Elite 1, como sujeito da análise. Este é representado por diversos policiais que tem sua imagem extremamente atrelada ao seu trabalho e quando não podem mais sustentar esta imagem adoecem em silêncio.

Não se esqueça de que o título fala de tratamento e profilaxia e isso deve ser abordado. Ou tirado do título. Ao invés de profilaxia talvez seja melhor usar prevenção primária (quando se atua no indivíduo para prevenir possíveis problemas) e promoção de saúde (intervenção da rede do indivíduo para gerar qualidade de vida)

Capítulo 4.

Análise do Personagem do Capitão Nascimento- Filme Tropa de Elite

O filme Tropa de Elite têm sua história narrada no Rio de Janeiro no ano de 1997, ele mostra a relação entre a Polícia Militar, a Força Especial da Polícia Militar (BOPE) e a Criminalidade do Estado Carioca. Como figura central aparece o Personagem do Capitão Nascimento: ele que narra sua própria história e a de dois colegas seus durante todo o filme. O eixo principal da trama é a busca do Capitão Nascimento por um sucessor, ele irá ser pai e por isso quer sair do BOPE, mas para sair ele quer alguém que seja igual a ele e ame a Polícia com a mesma intensidade, por isso sua história se cruza com Neto e Matias, dois policiais militares dedicados à Polícia que querem sair do sistema corrupto dentro da corporação e se juntam ao BOPE. Nascimento acredita no seu trabalho e têm ideais fortes como: não suportar policiais corruptos e acreditar na violência como uma forma de adquirir respeito. O filme mostra os Policiais do BOPE como guerreiros que acreditam no Brasil e por isso vão à guerra, guerra essa contra o tráfico de drogas e armas. A todo momento eles recebem ordens que colocam suas vidas em risco e precisam cumprir, por exemplo: entrar numa das grandes favelas para cuidar do policiamento pela visita do Papa ao local.

Estas situações geram estresse e repercutem na saúde mental do Capitão Nascimento, mas não somente na saúde dele como também de sua mulher que está grávida: ela fica estressada e preocupada com seu marido, pois ele sai cedo e chega tarde sendo exposto a diversas situações de perigo; segundo ela “Se soubesse que ele não iria sair da Polícia, não teria engravidado”.

O filme aponta para as condições de trabalho dos policiais militares: mal treinados, mal remunerados e com recursos precários para realizar seu trabalho; o que os leva a se tornarem corruptos e aceitaram o suborno dos traficantes, o filme mostra o

sistema policial sendo corrupto e uma pequena resistência de policiais que não aceitam isso e vão contra a corrupção e precisam lutar contra seus superiores dentro deste sistema. O Treinamento do BOPE é voltado para o uso da força física e ressalta a resiliência dos policiais, colocando os em situações de extrema pressão psicológica e física; o uso da agressividade e violência é constante, por isso, poucos tornam-se das forças especiais.

Capitão Nascimento é o modelo de homem ideal dentro do BOPE que representa o típico personagem que associamos a imagem social da Polícia Militar: jovem, rígido, forte, agressivo, resistente, viril, sendo sua masculinidade analisada como hegemônica. Ele não reconhece suas emoções em relação às situações de violência, ele vive e age com agressividade no ambiente de trabalho como também no ambiente familiar. No decorrer do filme, com a impossibilidade de sair da Polícia até encontrar um sucessor, Capitão Nascimento começa a sentir tremores, a suar frio e sentir mal-estar durante as missões, como se estivesse tendo ataques de pânico; em uma das cenas ele está fazendo escalada fora do seu horário de trabalho e não consegue descer, em outras cenas ele não consegue dormir e começa a tomar muitos medicamentos. A função de garantir a ordem pública, salvar vidas e cumprir a lei cabe aos policiais que para realizar suas tarefas colocam suas próprias vidas em risco;

“Tais pressões deixam os policiais em constante aflição por eficiência. Isto interfere na vida desses profissionais, como um todo, desencadeando crises de ansiedade, desconfiança constante em meio às relações, além do desgaste físico e psicológico” (Almeida 2017, p. 3).

O desgaste constante, a ansiedade e a exposição a situações de risco causa sofrimento a Nascimento levando-o a procurar um psiquiatra da Polícia Militar, porém o encontro é rápido e pouco abordado no filme, pois Nascimento aponta alguns medos e receios frente ao tratamento, como o que ele irá reportar aos seus superiores. Ele até mesmo busca encontrar uma forma de falar sobre seu problema ao falar de si mesmo como se fosse outra pessoa, porém não é acolhido pela psiquiatra. Sua maior preocupação é sobre o risco que corre como policial, pois agora terá um filho e isso traz uma nova perspectiva para ele. Durante o filme, Nascimento procura ajuda apenas uma vez, porém não inicia nenhum tratamento; ele coloca seus sintomas como secundários e o adoecimento que ele tem não é demonstrado de forma alguma aos seus colegas de profissão, ao mesmo tempo ele se mostra cada vez mais explosivo. A morte de um “fogueteiro” (pessoa que avisa sobre quem sobe o morro das favelas) que lhe deu informações o deixa com remorso, pois a mãe do menino queria o corpo do filho para poder enterrar e vai lhe pedir, mesmo sabendo que não foram os policiais que o mataram. Nascimento sabe que a lei do Morro condena todos os delatores; esse sentimento de culpa contribui para o aumento de seus sintomas de ansiedade como também para seu comportamento agressivo, violento, para sua insônia e crises de choro; ele decide esconder seu desconforto não gerando incômodo para si e nem para os a sua volta.

Aleotti (2004), em sua pesquisa sobre Disfunção Erétil e sua teia de significados, discorre sobre a complexidade da noção de saúde e como ela interfere na identidade dos sujeitos que adoecem fisicamente. Ela aponta que o adoecer físico também

acompanha cuidados aos aspectos afetivos-emocionais dos sujeitos, sendo os significados e sentidos atribuídos ao cuidado com a doença frutos da pressão desses fatores. Fica evidenciado em sua pesquisa que os sintomas tornam-se anormais se não encontram uma explicação ou se interferem no cotidiano das pessoas.

A violência como forma de mostrar a superioridade masculina é um elemento que aparece durante todo o filme, uma das cenas mostra Capitão Nascimento dizendo a sua mulher que “ela não pode mais se intrometer no seu trabalho e nem abrir a boca para falar sobre ele, pois quem manda ali é ele”. Essa cena deixa claro que o estresse, a pressão e a ansiedade do trabalho do policial acaba sendo reproduzida na sua casa, tornando frágeis os limites entre o policial e o marido, visto que um acaba interferindo no outro. Ser vulnerável ou adoecer não são vistos como algo possível na dinâmica do filme, pois não existe possibilidade para pessoas fracas; a identidade dos policiais fica completamente atrelada ao seu trabalho, tornando invisíveis outros aspectos de suas vidas para eles mesmos, como também para a sociedade. A influência e o modo como o trabalho de Nascimento interferem na sua vida conjugal fica claro em todas as cenas com sua esposa que em determinado momento o deixa. O final do filme mostra Capitão Nascimento, voltando ao BOPE, pois o sucessor que ele elegeu foi morto por traficantes; como sua última missão Nascimento irá procurar o responsável e se vingar.

Como citado, o adoecimento do Personagem é colocado em segundo plano, assim como sua vida familiar; prevalece no filme a imagem social da Polícia vinculada à masculinidade hegemônica e ao ideal de homem, já o sofrimento psíquico dos policiais é menosprezado.

Considerações Finais:

Observa-se que a imagem social da Polícia Militar se relaciona com as ações violentas e repressivas, desde seus treinamentos os policiais são incentivados a utilizar a força física como forma principal de garantir sua autoridade. A construção de sua identidade como profissional se relaciona com a imagem social que a Polícia Militar tem, o ambiente da P.M. pode tornar-se hostil visto a disciplina militar e a rigidez da corporação o que corrobora para o aumento do estresse e adoecimento dos Policiais Militares.

Pode-se constatar a falta de dados e informações sobre o adoecimento e afastamento dos Policiais Militares, como também uma alta burocracia para realizar pesquisas dentro da instituição; muitos autores de pesquisas lidas mostram a importância do estudo sobre os policiais em especial sobre o adoecimento dessa categoria. Há um desinteresse acadêmico por essa área, o que pode estar relacionado à atuação dos governos militares no período da ditadura, porém, para oferecer formas de tratamento e fazer com que os policiais possam refletir sobre seu modo de trabalho se faz necessário uma aproximação da Psicologia com a P.M. Visto que, muitas vezes, o adoecimento é mantido em silêncio, como no caso do Capitão Nascimento, ou não atribuído às condições do trabalho. O adoecer do Policial Militar afeta a ele mesmo e a sua família e se reflete no desempenho de suas funções sendo necessário um olhar mais cuidadoso sobre este profissional. E a imagem social que a P.M. impõe que está atrelada a um determinado tipo de Masculinidade, a hegemônica, torna mais difícil a este profissional pedir ajuda e tornar-se vulnerável.

Não foi o objetivo dessa pesquisa, mas é válido apontar a falta de informações sobre tipos de trabalho e prevenção que a P. M. oferece aos Policiais, o que pode ser a temática de um próximo estudo. Como reflexão final, se torna válido explorar os conceitos apresentados: imagem social, masculinidades, identidade e invisibilidade, em entrevistas com os policiais militares.

Referências Bibliográficas:

ALEOTTI, Renata. Disfunção erétil e sua teia de significados. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

AMADOR, Fernanda Spanier et al. Por um programa preventivo em saúde mental do trabalhador na Brigada Militar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, [s.l.], v. 22, n. 3, p.54-61, set. 2002. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932002000300009>. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000300009>.
Acesso em: 06 jun. 2016.:

ARRUDA, Daniel Péricles. Cultura Hip Hop e serviço social, a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

BRETAS, Marcos Luiz e ROSEMBERG, André. A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas. *Topoi (Rio J.)* [online]. 2013, vol.14, n.26 [cited 2017-11-26], pp.162-173. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2013000100162&lng=pt_BR&nrm=iso>. ISSN 2237-101X. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014026011>.

COONELL, R. W. 1995. Masculinities: Knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press.

COSTA, Juana dos Anjos Cunha Louzada da; FARIAS, Camila de Oliveira. O ATENDIMENTO À SAÚDE DO POLICIAL MILITAR NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 7., 2015, São Luís. Anais.São Luis: Revista de Políticas Públicas, 2015. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo14/o-atendimento-a-saude-do-policial-militar-no-estado-do-rio-de-janeiro.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

FRAGA, Cristina k. A Polícia militar ferida: da violência visível à invisibilidade da violência nos acidentes de serviço. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC, 2005.

FRANÇA JÚNIOR, Reginaldo; LARA, Ricardo. Trabalho e Ser Social: reflexões sobre a ontologia lukacsiana e sua incidência no Projeto Ético-Político Profissional / Labor and the Social Being. Textos Contextos (porto Alegre), [s.l.], v. 14, n. 1, p.20-31, 30 jun. 2015. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509.2015.1.17406>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/17406/13306>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, [s.l.], n. 116, p.21-39, jul. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742002000200002>. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002>.

Acesso em: 17 jun. 2016.

GOMES, Dhiogo Felipe Santos; BELÉM, Aline Oliveira; TELES, Shirley Santos. SAÚDE MENTAL DE MILITARES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DO CENÁRIO BRASILEIRO.

Rev. Saúde Pública, Florianópolis, v. 7, n. 3, p.88-102, 17 jun. 2016. Disponível em:

<<http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/viewFile/266/274>>.

Acesso em: 15 maio 2016.

GATES, E. Under pressure. The RoSPA Occupational Safety & Health Journal, v. 36, n.

5, p. 22 - 26, 2006.

LOPES, M. C. R. Subjetividade e trabalho na sociedade contemporânea. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 91-113, mar./jun. 2009.

MACIEL JÚNIOR, Plínio de Almeida. Tornar se homem- O projeto masculino na Perspectiva de Gênero. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MINAYO, M. C. de S., SOUZA, E. R. e CONSTANTINO, P (Coord). Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008: 326p

NICOLAU, Álvaro Antônio. Ensaio sobre o sofrimento psicológico de policiais. Fgr em Revista, Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p.45-57, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.fgr.org.br/admin/artigos/200927333111941738844709031Ensaio sobre o sofrimento psicologico de policiais.pdf](http://www.fgr.org.br/admin/artigos/200927333111941738844709031Ensaio_sobre_o_sofrimento_psicologico_de_policiais.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Luana Minharo dos. Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. Sociologias, [s.l.], v. 12, n. 25, p.224-250, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-45222010000300009>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000300009>. Acesso em: 1 jun. 2016.

PAULINO, Fábio Rodrigues; LOURINHO, Lídia Andrade. O ADOECIMENTO PSICOLÓGICO DO POLICIAL MILITAR DO CEARÁ. Revista Trabalho e Sociedade, Fortaleza, v. 2, n. 2, p.58-77, 15 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.ratio.edu.br/dados/trabalhosociedade/revista0309/quatro.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2016.

PONCIONI, Paula. Tornar-se policial: a construção da identidade profissional do policial no Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2003.

SPODE, Charlotte Beatriz; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar. Psicol. Reflex. Crit., [s.l.], v.

19, n. 3, p.362-370, 2006. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722006000300004>. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300004>.
Acesso em: 10 jun. 2016.

SARTORI, Leonardo Fávero; CASSANDRE, Marcio Pascoal; VERCESI, Cristiane. Burnout em Policiais: a Relação entre o Trabalho e o Sofrimento. In: XXXII ENCONTRO ANPAD, 2008, Rio de Janeiro. Anais... . Rio de Janeiro: Enapad, 2008. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR-B906.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

SILVA, Maurivan Batista da. O trabalho de policiais militares e a saúde mental. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2008.

SOUZA, E. R. et al. Fatores associados ao sofrimento psíquico de policiais militares da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública, v. 28, n. 7, p. 1297-311, 2012.

VIEIRA, Sebastião Ivone. Manual de Saúde e segurança no Trabalho. Vol. II. São Paulo: LTR Editora Ltda, 2005.

ZACHARIAS, J.J.M. Tipos Psicológicos Junguianos e Escolha Profissional - uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia - USP, São Paulo, 1994.